CLEANING THE HOUSE WORKSHOPS

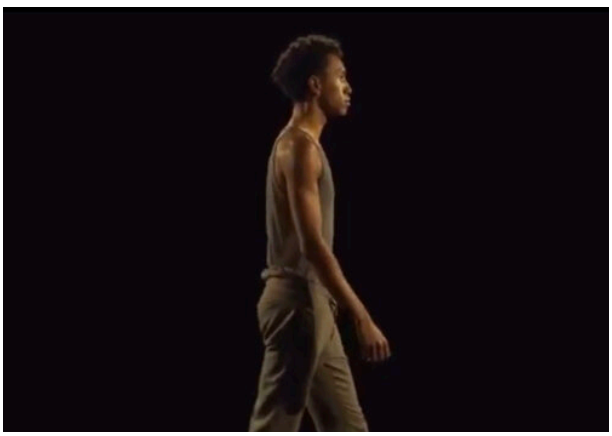
THE UPCOMING WORKSHOPS WILL TAKE PLACE SEPTEMBER 2020, IN A PRIVATE MOUNTAIN LOCATION IN THE PELOPONNESE, GREECE.

LEARN MORE (/CTH2020)

MILES GREENBERG
OYSTERKNIFE

24HR LIVESTREAM PERFORMANCE
4:00PM EST JULY 16 - 4:00PM EST JULY 17, 2020

Documentation coming soon



(/cru)

PAULA GARCIA
CRU / RAW

WATCH DOCUMENTATION HERE (/CRU)

Project CRU / RAW opens a new line of research into the artist's work, which begins to explore issues related to visible and invisible forces and the experience of violent action in her body. The performance that is the center of RAW consists of the construction of a frontal crash of two cars driven by the artist Paula Garcia and a professional stuntman and an exposition of the documentaries generated in the performance.

Project produced by:
ARCA
TANDERA FILMES
PREFEITURA BH
FLAGCX

AKIŞ/FLUX IS A COLLABORATION BETWEEN AKBANK, SAKIP SABANCI MUSEUM (SSM), AND MARINA ABRAMOVIC INSTITUTE (MAI) MARKING A MAJOR SURVEY OF ABRAMOVIC'S WORK AND THE LARGEST PROJECT DEDICATED TO PERFORMANCE ART IN THE HISTORY OF ISTANBUL

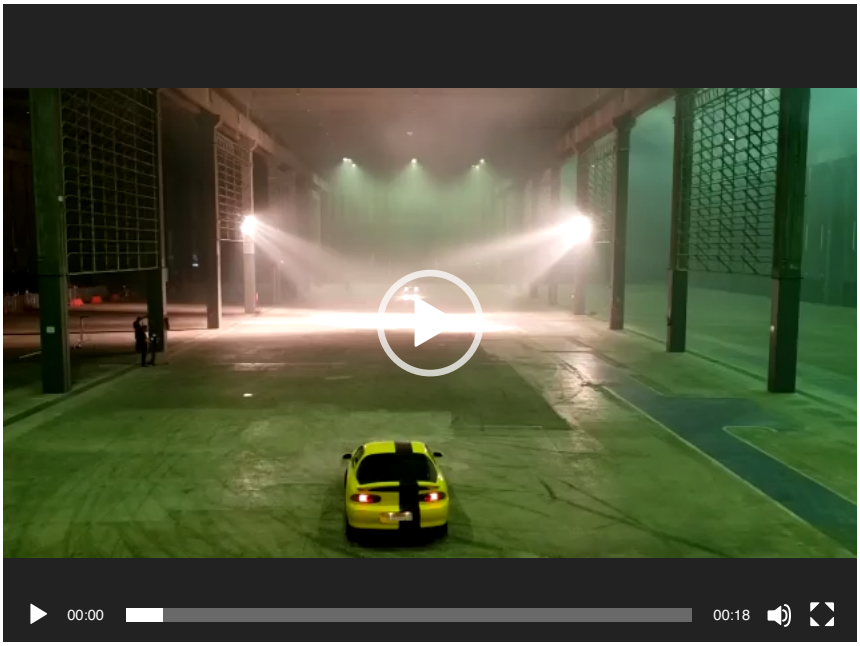
In light of COVID-19, AKIŞ/FLUX will be postponed to a later date. We look forward to welcoming you back with our regularly scheduled programming.

LEARN MORE (/AKIS)

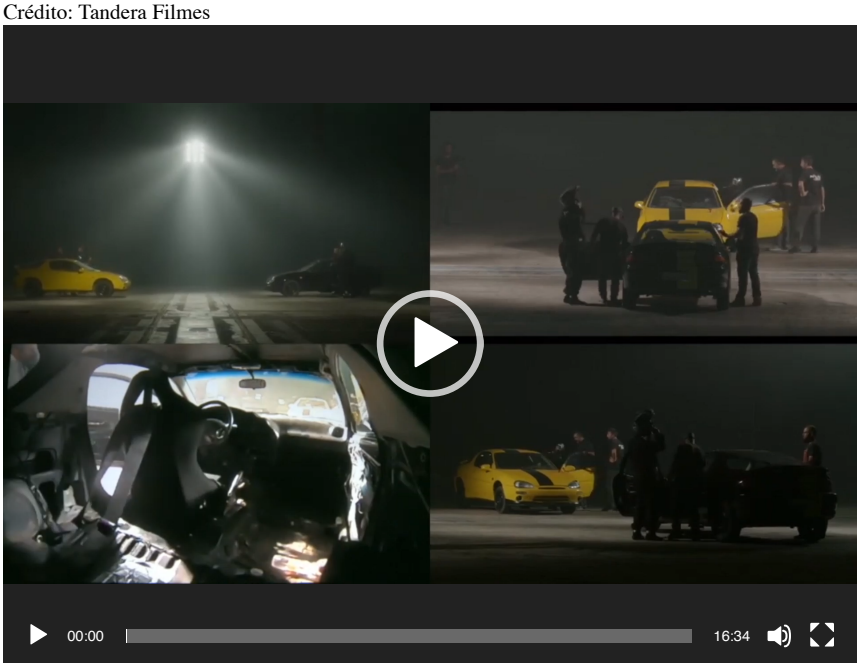
AKIŞ
FLUX

In collaboration with Akbank and Sakip Sabanci Museum

Crédito: Tandera Filmes



Crédito: Tandera Filmes



Crédito: Tandera Filmes
Performance: Paula Garcia
Realização: Paula Garcia, Tandera Filmes e Trem Chic

Apoio: ARCA e FLAGGX

Coordenação audiovisual: Tandera Filmes e Trem Chic
Direção: Leonardo Barcelos
Produção Executiva: André Hallak
Direção de Fotografia: Vagner Jabour
Arte: FLAGCX
Local: ARCA – São Paulo / SP (Brasil)
Coordenação evento: Kiko Ribeiro
Coordenação carros: Dublês Brasil

Performers: Paula Garcia e Cesar Nascimento Hernandes

Papo Alternativo

VÍDEO

Sara Não Tem Nome e seu novo clipe cinematográfico e crítico

AGOSTO 24, 2018

Por: Letícia Moraes

Sara Não Tem Nome acaba de mostrar seu novo **clipe**, da **canção "Água Viva"**. Contando com a direção de **Leonardo Barcelos**, cineasta, membro fundador do espaço Teia e diretor da Tandera Filmes.

O **clipe** foi gravado durante a realização das primeiras filmagens do longa-metragem documental **"Corpo Presente"**, em 2016.

A **música**, que faz parte do **álbum "Ômega III"**, traz uma reflexão em tons de poesia sobre as vivências da artista durante sua infância e adolescência em igrejas evangélicas.

O **disco** foi gravado em 2015 no **Red Bull Studio** em São Paulo. Com sonoridade que passeia entre o **folk rock, dream pop e MPB**. Trazendo temas diversificados de maneira irônica.

O **álbum** ainda recebeu o Prêmio Dinamite de melhor disco de **música pop** no ano seguinte ao seu lançamento. E tão bom quanto o **disco** como um todo, o **clipe** de "**Água Viva"** surge para arrasar, confira:

DocMontevideo 2019. Click here for current edition.

ES EN

DOCMONTEVIDEO

THIS HAPPENED AT DOCMONTEVIDEO 2019

Here you can download the catalogue.
Thanks to everyone who joined us!

FILMS | SPEAKERS AND TUTORS | INSTITUTIONS AND PLAYERS

DOCUMENTARY WEEK

A GREAT TRIP TO A SMALL COUNTRY

Director: Mariana Viñoles / **Producer:** Micaela Solé / **Production company:** Cordón Films, La Piscina Films / **Cinematography:** Mariana Viñoles / **Edition:** Manoela Ziggiatti / **Sound:** Mariana Viñoles / **Main cast:** Sanaa Almohamed, Ibrahim Almohamed, Meri Alshebli, Nada Alshebli, Fatma Alshebli / **Country:** Uruguay / **Year:** 2019 / **Duration:** 104'

SERIES PITCHING

BETWEEN BIRDS AND DRUMS

Director: Nicolas Gómez / **Producer:** Diana Ramos / **Commercial contact for DocMontevideo:** Diana Ramos / **Production company:** Imaginaria Cine / **Country:** Colombia / **Genre:** Music, Social Issues / **Format:** HD / **Language:** Spanish

CAMBALACHE

Director: Rosalía Alonso / **Producer:** Valentina Baracco, Eugenia Olascuaga / **Commercial contact for DocMontevideo:** Valentina Baracco / **Production company:** Monarca Films / **Country:** Uruguay / **Genre:** Music, Culture, Current Affairs / **Duration:** 45' / **Episodes:** 8 / **Format:** 2K / **Language:** Spanish

CARTOGRAPHIES OF THE BODY

Director: Leonardo Barcelos / **Producer:** Andre Hallak / **Commercial contact for DocMontevideo:** Andre Hallak / **Production company:** Tandera Filmes e Produções / **Country:** Brazil / **Genre:** Creative Documentary, Culture, Youth / **Duration:** 25' / **Episodes:** 13 / **Format:** 4K / **Language:** Portuguese

CIMIENTOS

Director: José Luciano García / **Producer:** Andrea Paola Suarez / **Commercial contact for DocMontevideo:** Andrea

Mostra CineBH, que terá exibição de filmes, debates, oficinas e rodadas de negócios

A 7ª edição do **Brasil CineMundi – International Coproduction Meeting**, principal evento de mercado do cinema brasileiro, acontece entre os próximos dias **20 e 24 de outubro**, durante a **10ª CineBH – Mostra de Cinema de Belo Horizonte** (que seguirá até o dia 27 do mesmo mês). Plataforma consagrada de rede de contatos e negócios do audiovisual, o programa reúne anualmente centenas de profissionais de várias partes do mundo para uma intensa programação de cooperação, intercâmbios, capacitação e apoio a novos projetos de longas brasileiros.

"O Brasil CineMundi, a cada edição, amplia seu propósito de fazer conexão entre a produção brasileira e a indústria audiovisual e cumpre, mais uma vez, o papel de ser espaço de formação, contatos, encontros, troca de experiências, possibilidades de negócios para o cinema brasileiro no exterior", afirma a coordenadora geral e diretora da Universo Produção, Raquel Hallak.

Na edição 2016, está confirmada a presença de **21 convidados internacionais**, além de representantes do Brasil, vindos de **12 países** (**Alemanha, Argentina, Canadá, Chile, Colômbia, Cuba, França, Itália, México, Portugal, Suíça, Uruguai**), que desembarcam na capital mineira para conhecer novos projetos do cinema brasileiro, participar de debates, consultorias, agenda de relacionamentos, encontros de negócios promovidos pelo evento.

Ao todo, foram selecionados **18 projetos** de longas-metragens brasileiros em fase de desenvolvimento ou pré-produção, de um total de **118 inscritos** e um projeto convidado. Eles estão organizados em quatro categorias: **CineMundi** (10 projetos), **DocBrasil Meeting** (5), **Foco Minas** (3) e parceiro evento **Cinélatino** (1). Sete Estados foram contemplados na lista final: **São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Ceará, Bahia e Paraná**. Todos irão participar de encontros de coprodução(meetings one-to-one) durante o evento.

Uma das novidades desta edição é a categoria **Foco Minas**, cujo propósito é ampliar a presença de projetos de longas originados em Minas Gerais visando assegurar participação e credenciamento para a programação dos meetings e consultoria internacional promovidos pelo Brasil CineMundi. A nova categoria conta com três projetos mineiros, sendo um projeto de ficção, outro de documentário e uma animação.

A comissão de seleção dos projetos foi formada pelos produtores **Paulo de Carvalho** (Alemanha), **Gudula Meinzolt** (Suíça) e **Séverine Roinssard** (França), pelo crítico **Pedro Butcher** (Brasil) e por **Raquel Hallak** e **Cecília Gabrielan** (Universo Produção). Na categoria **Cinélatino**, a indicação veio do Festival de Toulouse (França) parceiro do programa.

"Este ano percebemos um maior interesse no Brasil CineMundi, com cerca de 16% de aumento no número de projetos inscritos", destaca **Paulo de Carvalho, colaborador do Brasil CineMundi**. Ele chama atenção a elementos em comum nos projetos, especialmente histórias de deslocamentos, olhares em direção a outros continentes, países vizinhos e diferentes estados do Brasil. "Em vários destes casos, surge a memória pessoal, familiar e histórica sem perder o sentido universal das histórias e temas", completa.

Paulo de Carvalho tem, entre as expectativas deste ano, concretizar coproduções provenientes diretamente dos encontros organizados ou que, através destes encontros e discussões, seja promovido o fortalecimento de uma rede de contatos entre os profissionais presentes, com possíveis frutos em um futuro próximo.

CATEGORIA: **CINEMUNDI**

Projeto: **A MÃE**
Empresa produtora: Bela Filmes
Produtor: Henrique Zanoni
Diretor: Cristiano Burlan
Estado: **SP**

Projeto: **A SOMBRA DO CÃO**
Empresa produtora: Filmes da Garoa
Produtora: Priscila Portella
Diretora: Carla Saavedra Brychcy
Estado: **SP**

Projeto: **AMORES MODERNOS**
Empresa produtora: Cosmonauta
Produtor: Juliano Carpeggiani
Diretora: Julia Sondermann
Estado: **RS**

Produtor: Heitor Franulovic
Diretor: Marcos Yoshi
Estado: **SP**

CATEGORIA: **FOCO MINAS**

Projeto: **CORPO PRESENTE**
Empresa produtora: Tandera Filmes
Produtor: André Hallack
Diretor: Leonardo Barcelos
Estado: **MG**

Projeto: **NIMUENDAJÚ**
Empresa produtora: Anaya Produções
Produtor: Bruno Hilário
Diretora: Tania Anaya
Estado: **MG**

Projeto: **VELHO OESTE**
Empresa produtora: Cento e Oito Filmes
Produtor: Matheus Antunes
Diretor: Thiago Taves Sobreiro
Estado: **MG**

Durante cinco dias, os produtores e diretores dos projetos selecionados no **Brasil CineMundi** vão conviver com profissionais do audiovisual e representantes de festivais, laboratórios e mercados de vários países, numa intensa programação que inclui oficinas, encontros, diálogos, estudo de casos, agenda de relacionamento, troca de ideias e experiências que pode resultar em parcerias e coproduções internacionais. A expectativa é de que o programa continue cumprindo sua vocação de facilitar a concretização de novos filmes e a possibilidade de uma ampla rede de contatos entre as várias partes da cadeia audiovisual.

PARCEIROS, PREMIAÇÃO E INTERCÂMBIO

O Brasil CineMundi firma Termo de Cooperação com quatro eventos de mercado internacional - **Torino Film Lab**(Itália), **Ventana Sur**(Argentina), **Cinélatino**(França) e **DocMontevideo** (Uruguai) visando estabelecer parceria e intercâmbio, assegurando vagas e participação de produtores e projetos brasileiros nessas realizações.

E·M CULTURA

LEO AVERSA/DIVULGAÇÃO

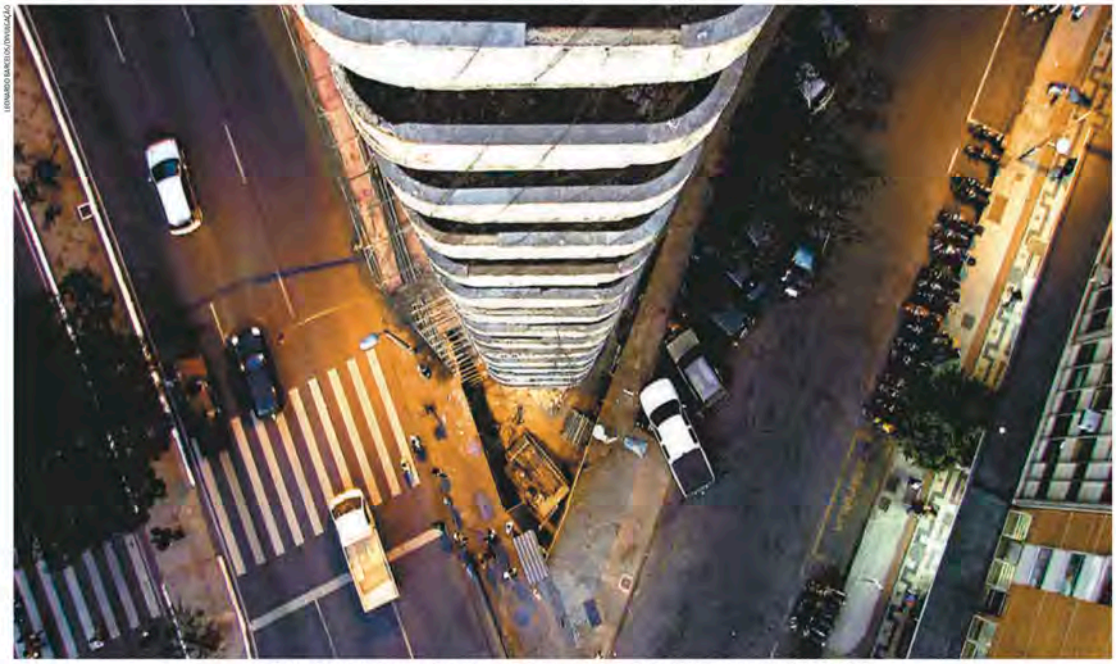
OS DESAFIOS DA PAIXÃO
Com *Tatyana*, Deborah Colker traduz em movimentos o romance *Eugênio Oneguin*, do russo Pushkin.

PÁGINA 8

Filme de Leonardo Barcelos recupera a história e a lenda da maldição envolvendo o edifício famoso da esquina da Av. Amazonas com Rua Tupis, mesclando depoimentos reais e ficção

NEM BALANÇA, NEM CAI

LEONARDO BARCELOS/DIVULGAÇÃO



No Centro de Belo Horizonte, o Balança mas não cai é uma referência na paisagem e no imaginário da cidade

GRACIE SANTOS

A avó de Leonardo Barcelos vivia na casa da Avenida Amazonas, 749, esquina com Rua Tupis, nos remotos tempos da capital mineira. Ela sabia que o lugar era amaldiçoado e queria sua "limpeza". Não conseguiu. Antes disso foi despejada para que no local fosse construído um arranha-céu. O Edifício Tupis não demorou a cair na boca do povo. Reza a lenda que o prédio de 17 andares, construído em 1945 (em estilo eclético e toques de art déco), tinha problemas na estrutura. Balançava e, o pior, podia cair. Daí o apelido: Balança mas não cai. Ele era dividido entre salas comerciais e apartamentos residenciais, foi república de estudantes e, depois, ficou fechado durante oito anos. Nunca caiu, nem vai cair, como garante Teodomiro Diniz Camargos, proprietário da construtura que está reformando um dos edifícios mais famosos da cidade. Quem quiser comprar um apartamento vai enfrentar concorrência: há quase 1,5 mil pessoas na fila e apenas 62 unidades.

A história do Balança e a misteriosa lenda que o envolve serão contadas pelo próprio Leonardo Barcelos, da produtora Teia, diretor do longa *Balança mas não cai*, que vem sendo realizado desde 2008 e atualmente está em fase de montagem. O filme mescla realidade e ficção, com depoimentos de quem viveu no prédio, gente da região que tomou carinho por ele e até hoje o trata como se fosse uma pessoa com passado (terrível) e futuro (brilhante). O longa deverá ser lançado no segundo semestre.

Agora, se você acreditou na tal história da avó de Leonardo Barcelos, caiu no conto do diretor. É argumento para a trama que surgiu da relação dele com o prédio: "O Balança acabou me engolindo. E o filme será uma forma de limpá-lo, revivendo sua história para que os novos moradores possam ocupá-lo com tranquilidade", confessa Leonardo. A julgar pelas imagens registradas e pelo intenso trabalho da pequena equipe envolvida no projeto, o longa vai, como não podia deixar de ser, dar o que falar. Durante o processo de filmagens o próprio Leonardo decidiu entrar em cena e representar o tal neto da avó magoada.

A história do filme começou em 2008, quando Leonardo Barcelos foi convidado por Teodomiro Diniz Camargos para registrar em vídeo a reforma do prédio. Envolvido com o projeto, o diretor percebeu que tinha rico material. Contrataram pesquisadora (Daniela Giovana) e começaram a entrar em contato com antigos moradores. "Todas as entrevistas foram feitas no prédio, porque percebemos que lá a memória das pessoas brotava com facilidade. O caso mais marcante, para ele, é o de Altivo Gomide, "mais antigo morador" (viveu no Balança 45 anos). O advogado recolhia objetos pela cidade – garrafas, sapatos, caixas de ovos etc. – e mantinha tudo organizado no escritório.

"Quando chegamos para começar as filmagens ainda havia coisas dele, só não estavam organizadas", revela Leonardo. Gomide foi "guardião" do Balança, chegou até a contratar segurança para protegê-lo. "Pena que não quis gravar depoimento no filme", lamenta o diretor. A linguagem tradicional do documentário não agrada Leonardo, que sentiu no espaço "uma força maior." Percebeu como a memória guarda coisas que talvez não sejam verdade. "As pessoas mudam as histórias e, às vezes, o que fica é uma alusão ao fato. Cinquenta anos depois, eles mesmos se contradizem." As filmagens também foram se modificando. "Entramos na história, interagimos com o Balança. O prédio começou a me sugar, virou até personagem, me engoliu", relata. Daí até a criação da trama foi um passo. "Faço a dramatização para contar com enxerguei toda essa história, quero ajudar o prédio a se livrar dessa maldição", diz Leonardo.

SEM DESALINHO

As filmagens de *Balança mas não cai* terminaram há uma semana. Foram feitas nos 5º e 17º andares, entre os escombros, já que as paredes internas foram demolidas. "Se alinhava a câmera com o prédio, a rua ficava torta; se alinhava com a rua, o prédio ficava torno", confessa Leonardo. O empreiteiro Teodomiro Diniz Camargos assegura que não há problemas na estrutura. Responsável pela reforma e restauração do Edifício Chiquito Lopes, na Rua São Paulo (entre Rua Caetés e Av. Afonso Pena), resolveu repetir a dose com o Balança. "Visualizei um mercado na área central, uma possibilidade de investir em monumentos, para recuperar o Centro e, também, com minha visão de empresário, a oportunidade de negócios." Teodomiro lembra que estudos anteriores já haviam comprovado que o tal problema estrutural do Balança é lenda.

"O prédio não tem desalinho. Na engenharia há sempre um grau de desaprumo em qualquer construção esbelta. O que ele tem é normal. O prédio tem estrutura impecável. Foi um projeto ousado para a época, 17 andares." A queda da marquise, ele diz, foi ocorrência comum, tanto que a PBH já criou lei exclusiva para tratar do assunto. O construtor garante que acertar a papelada dá mais trabalho que as obras de recuperação do Balança. E é isso que vem atrasando a reconstrução. Agora, assegura, faltam poucas unidades para o acerto final. Enquanto isso, a fila para comprar um apartamento no prédio cresce. Quem tiver interesse e quiser tentar a sorte pode procurar um estande da construtora.

> "Entramos na história, interagimos com o Balança. O prédio começou a me sugar, virou até personagem, me engoliu"
>
> ■ **Leonardo Barcelos**, cineasta

GLADYSTON RODRIGUES/EM/D. A PRESS

BREVE HISTÓRIA

1945 – Início da construção, idealizada e empreendida pelo arquiteto e engenheiro Nicola Santólia, somente concluída em 1947. Inicialmente projetado para salas comerciais, em média 10 por andar, pouco depois da inauguração foi esvaziado pela lenda de que poderia desabar.

1960 – Com o edifício desvalorizado, jovens estudantes do interior passaram a ser os únicos interessados em morar lá. O Edifício Tupis se tornou uma grande república.

1980 – Com o preço do aluguel abaixo do mercado, o prédio ficou sem manutenção e começou a se deteriorar. Luz e água faltavam com frequência. O elevador parou de funcionar e a fachada ficou comprometida.

1990 – Parte da marquise desabou, levando à interdição do edifício pela PBH.

2008 – Foi reaberto para reforma em 23 de abril.

2011 – A fachada está praticamente recuperada. As três lojas do térreo devem ser alugadas em setembro. Serão construídos 62 apartamentos de 40 metros quadrados (em média), de um e dois quartos, cozinha, banheiro e sala.

E★M CULTURA

CIA DAS LETRAS/DIVULGAÇÃO

TEIA 10 ANOS

6ª Cine BH promove cine-concerto, lança livro e exibe filmes em homenagem ao centro de estudos e criação

GRACIE SANTOS

Eles não gostam de ser vistos como coletivo, o que daria a falsa ideia de gente unida em torno de um objetivo/obra comum. Também não querem discutir fronteiras entre documentário e ficção, porque a simples discussão já reduz e delimita espaços. E não pretendem celebrar os 10 anos de existência apenas olhando para o próprio umbigo e se vangloriando dos 50 prêmios conquistados ou das 37 obras realizadas. Querem, sim, comemorar, mas buscando reflexões, provocando questionamentos. Por isso, o livro que os integrantes da Teia lançam no dia 18 para festejar uma década é também uma provocação.

Além dos textos de convidados sobre as obras de cada integrante (Pablo Lobato, Leonardo Barcelos, Clarissa Campolina, Luana Melgaço, Marília Rocha e Sérgio Borges – e de Helvécio Marins Jr., que deixou o grupo), há reflexões (geniais) como "O êxito do fracasso: notas sobre o cinema brasileiro contemporâneo", de Ilana Feldman; "O mar de Minas", de José Carlos Avellar, sobre o documentário mineiro; e "O que é um coletivo", que trata de goteiras e infiltrações do coletivo, de Cezar Migliorin. A edição caprichada – 400 páginas, bilíngue (português/inglês) – é documento importante, que reverbera a força do grupo, que se diferencia em sua proposta de fazer cinema sem se render à produção comercial, como analisa André Brasil, organizador e editor da obra. "O crescimento da Teia coincide com a lenta e parcial recuperação da rede de incentivos públicos regionais e nacionais. Ainda que precariamente, isso permite ao grupo manter-se fazendo cinema, sem ter que se transformar totalmente em estúdio ou produtora, destino de muitos coletivos que passam a dividir o trabalho autoral com a produção comercial (muitas vezes, com prejuízo para o primeiro)."

Só livro bastaria para celebração da data, mas a CineBH – Mostra Internacional de Cinema de Belo Horizonte presta (bela) homenagem à Teia. No dia 18, data de abertura da sexta edição, às 20h30, no Grande Teatro do Sesc Palladium, haverá um cine-concerto, criado a partir de imagens dos filmes realizados pelo grupo, com trilha sonora executada ao vivo pelo O Grivo, que assina a maioria das trilhas das obras da Teia. Ao longo do evento haverá a Mostra Homenagem, com apresentação de cinco longas: *O céu sobre os ombros*, de Sérgio Borges; *Balança mas não cai*, de Leonardo Barcelos; *Girimunho*, de Helvécio Marins Jr. e Clarissa Campolina; *A falta que me faz*, de Marília Rocha; e *Acidente*, de Pablo Lobato e Cao Guimarães. E ainda sessões com os curtas mais significativos dos realizadores da produtora, entre muitas outras coisas.

TÚLIO SANTOS/EM/D.A PRESS

Leonardo Barcelos, Sérgio Borges, Marília Rocha, Clarissa Campolina, Luana Melgaço e Pablo Lobato

LEIA MAIS SOBRE A TEIA NA PÁGINA 4

Eduardo de Paula expõe na coletiva aberta hoje na Reitoria da UFMG

Obras e vídeos contam história

Walter Sebastião

Modernos e contemporâneos: arte e história é o título da exposição que será aberta hoje, às 18h, na Reitoria da UFMG. Traz não só obras de grupo de artistas importantes, mas vídeos, para cada um deles, nos quais falam de sua vida, obra e processo de criação. São eles: Aneto (Antônio Augusto Neto), Eduardo de Paula, Jarbas Juarez, Jefferson Lodi, José Alberto Nemer, Márcio Sampaio, Mariza Trancoso, Pompea Britto, Sandra Bianchi e Yara Tupinambá. Exceto o primeiro, que foi funcionário da UFMG, os outros são artistas-professores, que, durante praticamente sua vida inteira, dedicaram-se ao ensino.

O projeto de realização dos vídeos, compondo memória das artes em Minas, surgiu como ação comemorativa dos 10 anos da Organização dos Aposentados e Pensionistas da UFMG. Como conta Leonardo Barcelos, do coletivo Teia, com sons e imagens, sem intenção documental ou didática, busca-se capturar a característica de cada autor. É, conta o diretor, conjunto de trabalhos que dialoga entre si, já que o grupo teve os mesmos professores. Eles foram colegas de trabalho e todos têm a obra de Guignard como uma de suas referências. "São, ainda, fundadores da Escola de Belas Artes da UFMG", completa, avisando que se trata de depoimentos com importância histórica.

"Impressiona-me, particularmente, o quanto eles têm total domínio da linguagem em que se expressam, o quanto encontraram forma simples e mais evoluída de criar", observa Leonardo Barcelos, lembrando que são autores com décadas de dedicação à arte. Conta que os vídeos mostram o quanto o processo de criação revela um pouco da personalidade de cada um. "São, ainda, artistas muito diferentes, apesar de terem o mesmo motivo para fazer arte: é quase uma necessidade psíquica, mais do que pelo aspecto comercial", observa.

MODERNOS E CONTEMPORÂNEOS: ARTE E HISTÓRIA

Abertura hoje, às 18h, no saguão da Reitoria da UFMG, Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha. Aberta diariamente, das 10h às 19h. Até dia 24. Entrada franca.

UFMG abre coletiva de ex-professores

Dez artistas que lecionaram na Escola de Belas Artes dão depoimento em vídeo e apresentam obras na reitoria

FOTOS FOCA LISBOA/DIVULGAÇÃO

Obra de Yara Tupinambá selecionada para a coletiva "Modernos e Contemporâneos: Arte e História", que resgata a história da Escola de Belas Artes da UFMG

Tela da artista plástica Sandra Bianchi, atualmente exposta na reitoria da UFMG

Detalhe de quadro em exposição do professor e artista plástico Jefferson Lodi

DANIEL BARBOSA

Rever a história da Escola de Belas Artes da UFMG, das pessoas que a fizeram e, por extensão, das artes plásticas em Minas Gerais – essa é a proposta da exposição coletiva "Modernos e Contemporâneos: Arte e História", que abre hoje no saguão da reitoria da universidade. A mostra reúne obras dos dez artistas mineiros focalizados no Projeto Integrado de Artes, idealizado pela Organização dos Aposentados e Pensionistas da UFMG (OAP) e desenvolvido ao longo do ano passado.

Dez vídeos focalizando vida e obra de cada um dos artistas, dirigidos por Leonardo Barcelos, do coletivo Teia, para o projeto também integram a exposição. Aneto (Antonio Augusto Neto), Eduardo de Paula, Jarbas Juarez, Jefferson Lodi, José Alberto Nemer, Márcio Sampaio, Mariza Trancoso, Pompeu Britto, Sandra Bianchi e Yara Tupinambá são os artistas focalizados.

Leonardo Barcelos, que coordena a mostra, explica que ela funciona como uma espécie de síntese e fechamento do projeto. "A OAP ia fazer dez anos em 2006 e o José Américo Ribeiro, que é um dos conselheiros, teve a idéia de se produzir vídeos de dez artistas. Ele tinha assistido a um vídeo que fiz em 2004, sobre Fernando Cardoso, gostou e me chamou para esse projeto. Ficamos trabalhando entre o final de 2005 e o início de 2006 e ao longo do ano passado aconteceram as exposições individuais das obras de cada artista, sempre acompanhadas pelos respectivos vídeos", explica.

O coordenador diz que o projeto teve a intenção de homenagear os artistas, que estão todos aposentados, mas que tiveram importância direta na fundação da Escola de Belas Artes e, assim, ainda hoje exercem influência nas artes plásticas em Minas Gerais. "Esses artistas participaram da primeira geração de professores da EBA, então influenciaram seus alunos que, hoje, estão dando aula e formando novas gerações. Temos, com esse trabalho, boa parte da história das artes plásticas no Estado ao longo do século passado", diz.

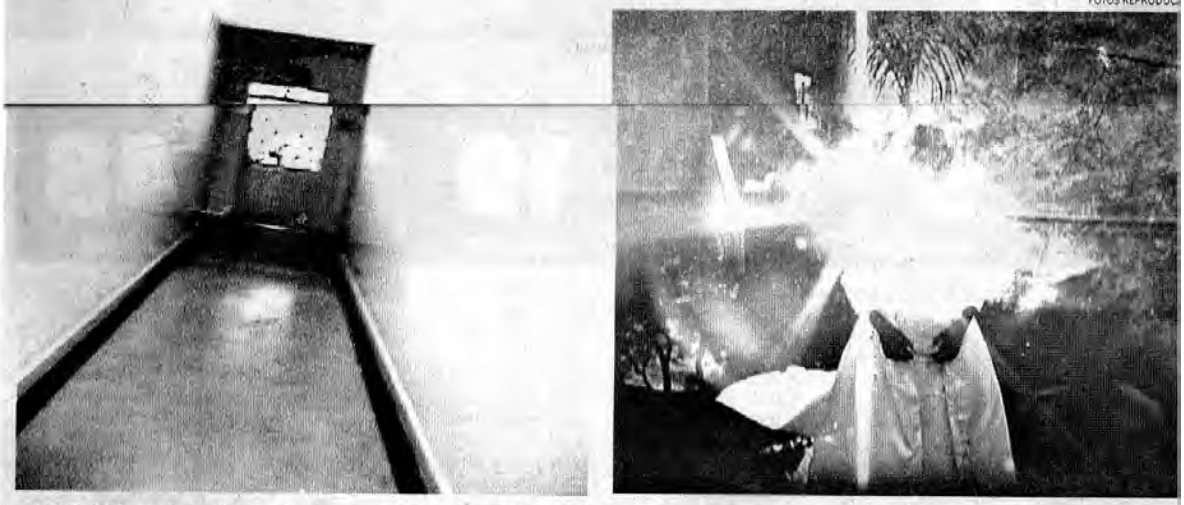
Com relação à seleção das obras, Barcelos afirma que foi feita conjuntamente com José Américo e os artistas homenageados. O número de quadros de cada um varia de acordo com o tamanho. "As obras da Yara e do Nemer são maiores, então tem seis dela e cinco dele. Já a Pompeu comparece com 30 quadros, o Aneto com 12", detalha.

Barcelos destaca que, além do vídeo de cada artista, será exibido um geral, em que todos falam. "Esse vídeo é maior e mostra os dez artistas contando um pouco da história da formação da Escola de Belas Artes. É um registro, que ainda não existia, da memória oral sobre as artes plásticas em Minas", diz.

AGENDA - Abertura da exposição "Modernos e Contemporâneos: Arte e História", hoje, às 18h, no saguão da reitoria da UFMG (av. Antônio Carlos, 6.627, Pampulha). Visita de segunda a sexta, das 10h às 19h e, sábado, dia 18, das 10h às 14h. Até dia 24 de agosto. Entrada franca.

Leonardo Barcelos e Hélio Lauar lançam esta noite o vídeo 'Noiva de Deus', seguido de debate, no Museu da Pampulha

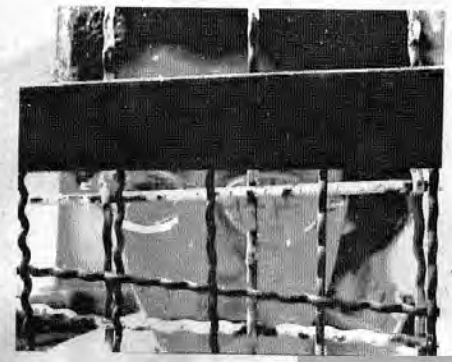
FOTOS REPRODUÇÃO



Longe do formato tradicional do documentário, os realizadores se valem da subjetividade ao reproduzir um acontecimento dramático

Choque de realidade

SÉRGIO RODRIGO REIS



O relato de uma interna do Hospital de Ensino Instituto Raul Soares, que, por se sentir abandonada pelo grande amor de sua vida, chega ao extremo de cometer filicídio, matando a própria filha de 5 anos, serviu de base para a reflexão em torno do vídeo *Noiva de Deus*. A nova realização da produtora Teia, dirigida por Leonardo Barcelos e Hélio Lauar, parte desse caso real para discutir temas como a dor do abandono, a perda e a dor contida. A discussão, um tanto quanto complexa, mas nem por isso menos universal, será tratada hoje, às 21h, no Museu de Arte da Pampulha, num debate depois da exibição do filme. "A idéia é levantar questões. Não chocar. Partimos de uma situação extrema para que as pessoas prestem mais atenção", adianta Leonardo Barcelos.

No debate vão estar, lado a lado, especialistas em linguagens eletrônicas de comunicação e em psicanálise, como a cineasta Patrícia Moran, o psicanalista Stélio Lage e os professores de literatura da UFMG Lúcia Castelo Branco, e de comunicação da PUC-MG Eduardo de Jesus. Desenvolvido a partir de uma série de depoimentos da paciente, o vídeo usa intervenções gráficas, como textos, ícones e outras imagens, para dar uma dimensão poética ao relato. "No início, depois da uma confusão mental, a mulher chega a se considerar a noiva de Deus. Depois, à medida que vai se lembrando, chega a reconhecer que matou a própria filha", conta o diretor. No filme, esse momento crucial de retomada da consciência chega na voz de um interlocutor, quando anuncia: "*Descobri a dor tardia/ que diz ao silêncio/ que ele é a gente mesmo*".

O vídeo não se prendeu apenas ao relato da realidade. "Colocamos subjetividade total no filme", avisa o diretor, sem se prender ao formato tradicional do documentário, de tentar retratar o real. Segundo ele, o objetivo é mostrar que os extremos cometidos por certas pessoas não podem ser tratados como anormalidades tão grandes. "É, sim, um certo extremo, onde chegam alguns. São conflitos mais universais do que muitos acham", explica Leonardo Barcelos, que aproveitou o discurso da mulher para montar uma discussão poética bem mais ampla.

NOIVA DE DEUS

Lançamento do vídeo de Leonardo Barcelos e Hélio Lauar, hoje, às 21h, no Museu de Arte da Pampulha (Av. Otacílio Negrão de Lima, 16.585, Pampulha). Entrada franca.

LEONARDO BARCELOS, DIVULGAÇÃO

A VERTIGEM DO CINEMA

A mostra de documentários e filmes experimentais *Narrativas e Subjetividades* será inaugurada hoje, na **Sala P. F. Gastal**, com a exibição do impressionante longa ***BALANÇA MAS NÃO CAI*** *(foto acima)*. A sessão comentada, às 20h30min, contará com a presença do diretor **Leonardo Barcelos** falando sobre sua obra – que recupera as memórias do **Edifício Tupis**, famoso prédio de **Belo Horizonte**, conhecido desde sua construção pelo apelido que dá título ao filme.

A programação no cinema da **Usina do Gasômetro** é uma realização da **Surreal Filmes** e da **Coordenação de Cinema, Vídeo e Fotografia da Secretaria Municipal de Cultura** e segue em cartaz até domingo. A seleção de títulos realizada pelo curador **Roberto Moreira S. Cruz** inclui títulos como o inédito *Acidente*, de **Cao Guimarães** e **Pablo Lobato**, o documentário *A Falta que me Faz*, de **Marília Rocha**, e o premiado longa de ficção *Os Residentes*, de **Tiago Mata Machado**.

Confira mais informações no site *www.surrealfilmes.com.br/blog*, ok?

E·M CULTURA

UM SOM ÚNICO
Zach Condon mostra que seu Beirut é uma dos bandas mais interessantes da atual geração do rock.

PÁGINA 8

KRISTIANNA SMITH/DIVULGAÇÃO

LUIZ PIRES/DIVULGAÇÃO

Time que joga junto: Pablo Lobato, Leonardo Barcelos, Sérgio Borges, Marília Rocha, Luana Melgaço e Clarissa Campolina

Rede Criativa

Centro de pesquisa audiovisual instalado na Barroca, a Teia celebra 10 anos com extensa produção. Espaço reúne alguns dos mais importantes nomes dos realizadores mineiros

GRACIE SANTOS

Os créditos de *Balança mas não cai – O Edifício Tupis*, longa recém-lançado de Leonardo Barcelos, trazem a câmera de Pablo Lobato e o roteiro de Sérgio Borges. Em *O céu sobre os ombros*, filme premiado de Borges, está a "parceria criativa" com Clarrisa Campolina, que divide a direção do também premiado *Girimunho* com Helvécio Marins, obra com produção de Luana Melgaço. Mais antigo, o documentário *Aboio*, de Marília Rocha, tem montagem de Clarissa. Por trás desses nomes está sempre presente o da Teia, produtora instalada no Bairro Barroca, que, em janeiro de 2012, completa sua primeira (e prolífica) década. Para celebrar, está previsto o lançamento de livro e novo site, que disponibilizará todos os filmes produzidos.

A verdadeira rede criativa reúne hoje alguns dos principais nomes da produção audiovisual mineira, os já citados Pablo Lobato, Marília Rocha, Clarissa Campolina, Sérgio Borges e Leonardo Barcelos – Marins deixou a Teia há cerca de três meses, enquanto Bruno Pacheco integrou a produtora apenas durante dois anos. Na produção, Luana Melgaço tem sido (importante e recorrente) presença. O melhor: apesar de eles todos trocarem figurinhas, pode-se ver na produção de cada um traços independentes, diferenciados. Eles conseguem se envolver nos projetos uns dos outros (ainda que não seja constante nem obrigatório), mantendo o mais importante: a individualidade. Tanto é verdade que não há qualquer semelhança entre personagens, narrativa ou condução das tramas em nenhuma das obras citadas.

Leonardo, Luana e Clarissa se conheceram primeiro. Formaram-se em rádio e TV pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2000. "Alugamos a casa (na Barroca) porque todos estavam sem lugar para trabalhar. A ideia foi unir esforços, um local coletivo de trabalho, com equipamentos", conta Leonardo Barcelos. Ele lembra que a participação na Mostra de Tiradentes em 2003 foi a primeira com o nome da Teia, estreia oficial. Passaram a fazer reuniões, projetos, divulgação. Começaram a se profissionalizar.

"No começo, fizemos programas de TV, institucionais, era preciso faturar. À medida que fomos fazendo projetos autorais, começamos a depender menos desses trabalhos. É também a ser convidados para desenvolver trabalhos paralelos para artistas plásticos, cantores etc.", ele diz. A pergunta que não quer calar: a Teia tem uma marca? "Não, se nossos trabalhos forem vistos separadamente por pessoas que não sabem da história, ninguém vai perceber semelhanças entre as obras", acrescenta.

A partir de 2007, os curtas tiveram continuidade, mas vieram intercalados pelos primeiros longas, projetos que demoraram a ficar prontos (caso de *Girimunho* e *Balança...*). Marília Rocha foi supreprodutiva, lançou *Aboio*, *Acácio* e *A falta que faz*. Pablo fez (frutífera) parceria com Cao Guimarães em *Acidente*. "Pablo passou a enveredar para as artes plásticas. Marília se dedica muito ao documentário, fez mestrado na área, é mais acadêmica. Sérgio Borges segue outro caminho, envolve-se com o ser humano e suas questões. Clarissa prefere pesquisas, descobrimentos, sempre trabalha muito com os outros. Já eu diria que sou mais sensorial, fico muito dentro de mim. Meus filmes falam do que estou passando no momento. Luana Melgaço tem experiência com leis de incentivo, e faz produção para quase todos os projetos", analisa Leonardo.

Projeto do qual os integrantes da Teia se orgulham, de acordo com ele, é o Tecer, promovido no Cine Humberto Mauro do Palácio das Artes, imersão (durante três dias, em 2010) sobre a produção atual, pegando filmes antigos e novos com a participação de convidados de peso. "Temos planos de voltar com o Tecer, estimular discussões sobre a imagem, o que ela é, o que quer dizer, quais são as categorias", afirma Leonardo, para quem o melhor da Teia, até hoje, "foi a possibilidade de evolução junto com as pessoas, o aprendizado conjunto". E o pior? "Lidar com a burocracia, ter que administrar. É a calculadora, um bicho estranho. Dá para viver do trabalho, mas não somos abastados, tudo tem um preço", avalia.

SEM REGRAS Uma das fundadoras da Teia, Clarissa Campolina é certamente quem mais circula entre as obras da produtora. Montou filmes de Marília e também foi sua diretora assistente. Codirigiu e montou com Sérgio Borges e foi assistente de direção com Pablo. Também dividiu a direção com Helvécio Marins. "Trabalhei com quase todos. Às vezes, participamos de alguma forma, mesmo não entrando nos créditos. Mas pode ser também que alguém esteja fazendo um trabalho e a gente nem saiba. Às vezes, temos trocas intensas e, quando não assumimos um papel, podemos dar alguma opinião", explica.

Clarissa não descarta certas influências estéticas entre eles, mas assegura que, com o tempo, cada um foi encontrando seu caminho. "O melhor e o pior da Teia são a mesma coisa: é difícil criar novas estruturas o tempo todo. Vira e mexe estamos nos reorganizando. Isso, ao mesmo tempo dá muita vida para as obras e nos permite estar sempre em movimento. A partir da ideia do filme, a estrutura se modifica para servi-lo. Essa possibilidade de estarmos sempre pensando no que estamos fazendo é boa, mas é também o que cansa, dá trabalho". A diretora cita ainda as participações paralelas, de gente que em determinado momento se agrega à Teia. Exemplos: Pablo trabalhou com Cao Guimarães, Ivo Lopes Araújo veio fazer a fotografia de *O céu sobre os ombros* (também no filme está presente Ricardo Pretti, que, a exemplo de Luiz Pretti, vem participando de obras da Teia). Já o grupo mineiro O Grivo é parceiro constante em trilhas sonoras

Mercado com arte

Para celebrar a primeira década, a Teia ganhará publicação a ser lançada ainda no primeiro semestre do ano que vem. Trata-se de catálogo bilíngue dos filmes, com edição de textos de André Brasil, reunindo ensaios de convidados. É também um novo site com todos os filmes disponíveis. É o que conta Pablo Lobato, que, depois de (bela) incursão pelo cinema, é o único integrante a enveredar pelas artes plásticas. Desde 2008 trabalhando com outras linguagens que não apenas o cinema e o vídeo, Lobato defende que a Teia deve ser vista como foi pensada: um centro de pesquisa audiovisual.

No momento em que o centro completa 10 anos, ele avalia que, atualmente, eles conseguem ver o que não percebiam há cinco. "Em uma década, pessoas entraram e saíram, fomos afinando o jeito de trabalhar. Estamos sempre experimentando novas formas, isso exige bastante, mas nos dá a liberdade que queremos. Hoje, tenho a sensação de que estamos começando e com velocidade para trocar, além de um nível de afinidade que nunca tivemos. Isso nos inspira e estimula." Para saber mais sobre a Teia: *www.teia.art.br*.

GRACIE SANTOS
gracie.santos@uai.com.br

Nacos de pele

Leonardo Barcelos, um dos fundadores da Teia, que divide a direção do curta digital *Nacos de pele* com Hélio Lauar, acaba de voltar de Paris, onde o vídeo mineiro foi selecionado para participar do 7º Festival Internacional Signes de Nuit (*www.signesdenuit.com/paris/P7/pp7//decouverts.htm*). *Nacos* anda fazendo bonito. Esteve no Mix Brasil – 16º Festival Internacional da Diversidade Sexual, exibido pelo canal Brasil em programa especial apresentado pelo idealizador do evento, André Fisher. O vídeo foi selecionado para a 12ª Mostra de Cinema de Tiradentes e indicado pelo júri popular entre os cinco melhores curtas digitais. Mais: integrou seleção da 8ª Mostra do Filme Livre e foi indicado pelo júri ao prêmio troféu filme livre. Sem falar na 7ª Mostra Minas de Cinema e Vídeo, na qual faturou prêmio de melhor videopoema do júri especializado. Na mesma linha de *Nacos de pele*, Leonardo e Hélio estão finalizando *Gold go*, "este mais erótico e contundente", avisam. Não é só: a dupla está escrevendo o roteiro de um longa com título provisório de *Personagens de si mesmo*. Ainda este ano, Leonardo Barcelos começa a produzir o primeiro documentário: *Balança mas não cai: o Edifício Tupis*.

Cinema. Dirigido por Leonardo Barcelos, o filme "Balança mas não cai: O Edifício Tupis" estreia hoje no Oi Futuro

O mito e a memória de um misterioso arranha-céu

■ JULIA GUIMARÃES

Quando, em 1950, um edifício de 17 andares foi construído no centro de Belo Horizonte, um mito em torno dele também começou a se erguer: pela demora da construção, a altura do arranha-céu e sua localização numa esquina, isolado de outros edifícios, espalhou-se o boato de que o prédio poderia cair.

Mesmo sem fundamento, a lenda espantou compradores e fez com fez com que o prédio, apelidado de "Balança mas não Cai", fosse ocupado por estudantes do interior e, posteriormente, por figuras marginalizadas da cidade, até sua interdição em 2000.

Desse emaranhado ambíguo entre mito, memória e história, surgiu o longa-metragem do diretor Leonardo Barcelos, "Balança mas não Cai: O Edifício Tupis", que faz sua estreia para convidados hoje, no Oi Futuro, e deve estrear nas salas de cinema somente em 2012, depois de circular pelos festivais.

"Ao me deparar com o prédio, vi que ele tinha várias facetas. A gente pode vê-lo de forma simbólica, histórica; pode ver de modo sensorial, pelas marcas do passado, pela memória viva que ronda seus espaços; e também por esse outro lado do abandono. Tudo isso me interessou", observa o diretor, que teve seu contato inicial com o edifício em 2008, ao ser contratado para realizar gravações da obra que está sendo feita no local – o prédio será reformado e seus apartamentos serão novamente colocados à venda.

Para alcançar a complexidade narrativa que envolve a história do prédio, Barcelos optou por mesclar passagens documentais e ficcionais. Assim, depoimentos de antigos moradores se intercalam com a representação de situações e personagens que poderiam ter habitado o edifício. "Nossa questão não era tanto mesclar documentário e ficção, mas fazer um filme que desse conta de construir esse personagem múltiplo que era o prédio", conclui Barcelos.

Integrante do coletivo Teia, o filme teve produção executiva do atual proprietário do edifício, Teodomiro Diniz Camargos.

LEONARDO BARCELOS/DIVULGAÇÃO

História. O longa "Balança mas não Cai" resgata uma das lendas urbanas mais conhecidas da cidade